

#cm
2

FIM DE SEMANA

Em cartaz no Rio e com apresentação agendada no Festival de Curitiba, 'Mulher em Fuga' vira o fenômeno da vez no teatro brasileiro, ao imergir na prosa de Édouard Louis, novo Proust da literatura, que busca a dignidade perdida... pela intolerância. Págs. 2 e 3

EM BUSCA DA DIGNIDADE PERDIDA



Leonardo Bonato/Divulgação



Malu Galli encarna com maestria a conturbada trajetória de Monique, uma mulher em fuga diante do abuso e da violência

Dramaturgia em carne viva

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Desta quinta (2) até a Páscoa, mesmo com a Sexta-feira da Paixão no meio do caminho, ainda é possível recorrer ao Teatro Firjan Sesi Centro para conferir o que, até o momento, configura-se como o acontecimento teatral de 2026 no Rio: “Mulher em Fuga”. Já viu se viu muita coisa boa desde janeiro nos palcos da cidade, mas nada que tivesse feito tanto barulho – e não apenas pela desenvoltura de Malu Galli com o ator Tiago Martelli – para além das artes cênicas, para além do palco, tangenciando o microcosmo da cultura por múltiplas vias, de mãos dadas com a literatura.

A resenha do crítico Cláudio Andrey (página ao lado) justifica o esplendor estético da encenação de Inez Viana, a partir de uma dramaturgia em carne viva que Pedro Kosovski extraiu da literatura de Édouard Louis, o Marcel Proust do momento. O impacto na vida carioca da adaptação de “Lutas e Metamorfoses de uma Mulher” (2021) e de “Monique se Liberta” (2024) – dois pilares da prosa do escritor francês de 33 anos – tem tudo para se repetir na rotina do povo paranaense, uma vez que o espetáculo se impõe como um ímã

de plateias para o 34º Festival de Curitiba. O evento... uma espécie de Cannes do teatro brasileiro... vai receber Malu e Martelli em sua reta final, nos dias 11 e 12, no Guairinha, consolidando as pesquisas de Inês em cena.

Monique, a protagonista, papel de Malu, espelha a realidade feminina de muitos cantos deste planeta, em especial um Brasil de evasão paterna contínua, no qual as mulheres brasileiras assumem a chefia de suas famílias, sendo obrigadas a reinventar suas vidas. “A gente está vivendo um momento muito difícil por con-

ta da feminicídio, da misoginia, dos grupos Red Pill, que sempre existiram, mas afloraram e, agora estão com menos vergonha de se apresentarem. Tem um movimento muito grande contra as mulheres. A cada apresentação da peça, a gente ouve depoimentos de mulheres que viveram violências”, conta Inez.

Clima de catarse

“Algumas conseguiram sair, algumas não conseguiram ainda. São catarses realmente que acontecem depois do espetáculo. Elas me procuram, procuram a Malu, falando sobre como conseguiram sair de uma relação abusiva e das consequências que isso gerou. Há uma vingança por parte dos homens, quando eles são abandonados, quando as mulheres dizem que não querem mais. O espetáculo, de alguma forma, mesmo sendo uma história de uma mulher no interior da França, respinga muito na gente também. No mundo todo. Aí a gente precisa também que os homens se engajem nessa causa totalmente”.

No momento em que Jair Bol-



Divulgação

Édouard Louis, um fenômeno literário europeu

sonaro foi eleito para a presidência, a revista “Quatro Cinco Um” publicou um artigo, em novembro de 2018, levantando a bola de um galetto ao belo canto que, nascido e criado em Picardy, a uns cem quilômetros de Paris, fazia da autoficção um aríete para resistir a tudo

o que se associava àquele governo então recém-empossado no Brasil. Seu livro nº 1, “En Finir Avec Eddy Bellegueule” (2014), apresenta, em chave autobiográfica, a infância e adolescência do autor em Hallencourt, no norte da França, tematizando pobreza, violência e



Divulgação

Zécarlos Machado e Celso Frateschi em 'Dois Papas', montagem do texto que ganhou mundo como filme de Fernando Meirelles



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Hóstia a ser consagrada no palco

Um dos maiores sucessos de Fernando Meirelles, 'Dois Papas' volta à sua matriz teatral em montagem com Zécarlos Machado e Celso Frateschi escalado para o Festival de Curitiba

Restes a circular o mundo com "Corrida dos Bichos", thriller que dirigiu com Ernesto Solís e Rodrigo Pesavento e exibiu pela primeira vez em março, no SXSW, em Austin (EUA), Fernando Meirelles vai ter um ano de consagrações diversas, sobretudo se a Netflix mantiver os planos de lançar "Here Comes The Floor" no segundo semestre. Será uma estreia de olho no Oscar, sem dúvida.

Nesse thriller de assalto, o diretor de "Cidade de Deus" (2002) contou com dois titãs das bilheterias: Denzel Washington e Robert Pattinson. Daisy Edgard-Jones,

outro ímã de plateias, estará com eles em cena. Mas antes de esse par de novos exercícios cinematográficos chegarem às nossas telonas, um dos maiores acertos do

diretor paulista voltará à ribalta com a encenação de "Dois Papas" (2019), que ganhará holofotes no 34º Festival de Curitiba, nos dias 6 e 7 de abril, com apresen-

tações no Guairão.

A direção da montagem nacional é de Munir Kanaan, com base na dramaturgia de Anthony McCarten (sob tradução de Rui Xavier), que concorreu ao Oscar de Melhor Roteiro Adaptado pela produção rodada por Meirelles. O longa tem como gênese a peça "The Pope", que ele lançou no Royal & Derngate Theatre, em 2019.

A trama parte das divergências do Papa Bento XVI, mais conhecido como Joseph Aloisius Ratzinger (1927-2022), com o cardeal argentino Jorge Bergoglio (1936-2025), o futuro Papa Francisco, que planeja pedir aposentadoria, em meio a um potencial processo de sucessão na cúpula do Vaticano. A mudança no comando daquele governo se anuncia quando Ratzinger avalia renunciar ao papado, em meio a pressões crescentes, tornando Bergoglio um sucessor provável. Em um encontro reservado, visões de mundo se chocam, segredos vêm à tona e ambos precisam atravessar suas diferenças para tomar decisões que podem transformar o futuro da Igreja e de suas próprias vidas. Na peça, Celso Frateschi vive Bergoglio e Zécarlos Machado interpreta o Papa Bento XVI. O elenco inclui ainda Carol Godoy (Irmã Sofia), Eliana Guttman (Irmã Brigitta) e participação em vídeo de Rafa Steinhauser.

No cinema, "Dois Papas" passou pelos festivais de Telluride e Toronto, antes de passar pelo encerramento da 43ª edição da Mostra de SP. Anthony Hopkins encarna o Papa Bento XVI e Jonathan Pryce representa o Papa Francisco. Ambos concorreram ao Oscar pelo filme, que se instalou de cara na Netflix, onde ainda pode ser visto.

Na montagem de "Dois Papas" de Curitiba, a trilha sonora é de Dan Maia, que embla um cenário de Eric Lenate e o figurino de Carol Roz. A iluminação é de Beto Briel.

Número da resiliência

A principal pedida desta quinta-feira no Festival de Curitiba rola às 20h30, no Teatro Cleon Jacques: "Vinte!", projeto idealizado por Tainah Longras, que integra o elenco e se divide na criação da dramaturgia com Mauricio Lima. O espetáculo se baseia na reivindicação ficcional da memória dos movimentos artísticos negros dos anos 1920 no Brasil. A partir de uma crítica à peça "Tudo Preto"

(1926), da Companhia Negra de Revistas, esse exercício de História (e de combate decolonial) constrói uma relação poética com a cidade do Rio de Janeiro, com as artes e com o tempo, a partir de uma perspectiva negra e contemporânea.

Tainah divide a cena com AfroFlor, Felipe Oládélé e Muato e Tainah Longras. A interlocução de direção se deu com a bamba Ana Kfourri. Antes, às 18h30, no

Teatro José Maria Santos, tem "A Boca Que Tudo Come Tem Fome (Do Cárcere Às Ruas)", da Companhia Heliópolis. A encenação se debruça sobre uma pergunta: "O que significa recuperar a liberdade?". Na dramaturgia, seis pessoas que passaram pelo sistema prisional brasileiro têm suas trajetórias entrelaçadas. Diante das dificuldades de reinserção social e reconstrução da própria vida, cada uma delas, a seu modo, tenta encontrar uma saída. Exu, o orixá das encruzilhadas, que destranca os caminhos, aparece como se fosse uma presença provocativa ao despertar naqueles sujeitos a fome de novos começos e a avidez por dignidade. (R. F.)



Ira Barillo/Divulgação

'Vinte!', um exercício de história decolonial idealizado por Tainah Longras

As faces do amor em dois ângulos diferentes

Luedji Luna traz ao Circo Voador maturidade artística em turnê que reúne dupla de álbuns geminianos

AFFONSO NUNES

Após a ousadia de lançar dois álbuns em sequência no ano passado — “Um Mar Pra Cada Um” e “Antes Que a Terra Acabe” — Luedji Luna chega ao Circo Voador para apresentá-los em alto e excelente som. Os shows acontecem nesta sexta e sábado (3 e 4). Luciane Dom abre a primeira noite e no dia seguinte é a vez de Jonathan Ferr.

Aos 38 anos, a cantora e compositora baiana consolida sua posição como uma das principais vozes da MPB contemporânea. Reconhecida por sua militância racial e feminista, Luedji construiu uma obra que mergulha na ancestralidade afro-brasileira e agora investiga as dimensões mais íntimas do amor e da carência. “Um Mar Pra Cada Um” é seu quarto álbum de estúdio, encerrando uma trilogia iniciada com “Bom Mesmo É Estar Debaixo D’Água” (2020), que lhe rendeu indicação ao Grammy Latino em 2021.

O repertório que será apresentado navega pelas nuances do desejo através de ritmos como jazz e neo-soul. “Um Mar Pra Cada Um” traz uma abordagem mais introspectiva, com faixas como “Dentro Ali”, “Harém” e “Salty” que exploram nuances do desejo e da busca por afeto. O disco conta com participações de Nubya Garcia, Liniker, Tali, Takuya Kuroda, Isaiah Shaker e Beatriz Nascimento — que recita seu próprio poema através de inteligência artificial, utilizando material de uma publicação póstuma. “Antes Que a Terra Acabe”, lançado de surpresa dias antes, oferece uma visão mais terrena e crua do amor, com participações de Milton Nascimento, Seu Jorge, Arthur Verocai, MC Luanna, Duda Raupp, Kato Change e Zudzilla.

Segundo Luedji, os dois trabalhos funcionam como espelhos um do outro. “Esses dois discos são bem geminianos: mutável, dinâmico e transformador. Um espelha o outro”, define a artista. Enquanto “Um Mar Pra Cada Um” busca encontrar o amor divino e supremo — inspirado em “A Love Supreme” de John Coltrane — “Antes Que a Terra Acabe” navega com desenvoltura entre sonoridades que aparentemente não dialogam: a intimidade do lo-fi convive com bossa nova repaginada, e a energia pulsante do



Divulgação

afrobeat se encontra com batidas características do amapiano sul-africano.

No primeiro disco, a presença massiva de instrumentos de sopro carrega significado espiritual. “O sopro que anima a vida, que está presente no início de todas as coisas, na cosmogonia cristã e em tantas outras”, explica Luedji. “A etimologia da palavra ‘espiritualidade’ vem do latim ‘spiritus’, que quer dizer sopro. Ele é o veículo e o amor é a fonte originária; o fundamento de toda criação.” A faixa “Gênesis” abre o disco como instrumental regido pelos músicos baianos Bira Marques (piano), Bruno Mangabeira (sax), Nei Sacramento (bateria) e Ângelo Santiago (contrabaixo).

Para este trabalho, Luedji aplicou em sua música processos terapêuticos nos quais se envolveu durante o último ano, utilizando propositalmente determinadas frequências e elementos de sound healing para construir a perspectiva de cura trazida pelos discos. No palco do Circo, a artista é acompanhada por músicos que caminham ao seu lado há anos: Jhow Produz na direção musical e bateria, Weslei Rodrigo no baixo, Gabriel Gaiardo nos teclados, Rudson Daniel nas percussões, Sidmar Vieira no trompete, Jefferson Rodrigues no saxofone, além de um trio de backing vocals e guitarra.

Na sexta, Luciane Dom (que agora se apresenta como Ludom) faz sua estreia com show completo no Circo. Sete anos após lançar “Liberte Esse Banzo” (2018), a cantora, compositora, produtora musical e historiadora apresenta seu segundo trabalho, que mistura MPB, hip-hop, gospel e afro-jazz. Jonathan Ferr, um dos nomes mais celebrados da nova geração do jazz brasileiro, abre o sábado com sua mistura de piano, hip-hop e beats eletrônicos que conquistou reconhecimento da crítica internacional.

SERVIÇO

LUEDJI LUNA - UM MAR PARA CADA UM, ANTES QUE A TERRA ACABE

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)

3 e 4/4*, a partir das 20h (abertura dos portões)

Abertura dos portões: 20h
Ingressos a partir de R\$ 180 e R\$ 90 (meia)

*Sábado (4) com ingressos esgotados

“Esses dois discos são bem geminianos: mutável, dinâmico e transformador. Um espelha o outro” **LUEDJI LUNA**

AFFONSO NUNES

Especial para o Correio da Manhã

Sinônimo de southern rock - a fusão de rock, blues e country surgida no Sul dos Estados Unidos -, o Lynyrd Skynyrd se apresenta neste domingo (5) no palco do Qualistage. A noite será aberta por duas bandas da nova geração: a Dirty Honey, revelação do hard rock independente; e o Jayler, promessa britânica do rock contemporâneo.

Formado em Jacksonville (Flórida), no fim dos anos 1960, o Lynyrd consolidou sua identidade com guitarras triplas, o lirismo típico sulista e composições emblemáticas como “Free Bird” e “Sweet Home Alabama”. Desde o álbum de estreia em 1973, foram cinco álbuns impecáveis até sua paralisação por força de uma tragédia: em 20 de outubro de 1977, um avião fretado pela banda caiu em um pântano perto de Gillsburg (Mississippi). O acidente matou o vocalista e fundador Ronnie Van Zant, o guitarrista Steve Gaines e a assistente de voo Cassie Gaines. Durante mais de uma década, o Lynyrd permaneceu inativo.

Seu retorno aconteceu em 1987, com Johnny Van Zant, irmão de Ronnie, assumindo os vocais. Desde então, a banda tem mantido viva sua herança em turnês contínuas. Com mais de 50 anos de carreira, o Lynyrd Skynyrd segue como um dos nomes mais duradouros da música estadunidense - é uma lenda viva e resiliente.

A Dirty Honey chega com credenciais que desafiam as estruturas tradicionais da indústria musical. Formada em Los Angeles em 2017, a banda revitalizou o hard rock ao fundir influências dos anos 1970 com abordagem contemporânea. Em 2019, o single “When I’m Gone” atingiu o topo da Billboard Mainstream Rock Songs — um



Johnny Van Zant assumiu os vocais do Lynyrd Skynyrd no retorno da banda em 1987, dez anos após o trágico acidente aéreo que matou seu irmão

Southern rock clássico encontra novas gerações

Veteranos do Lynyrd Skynyrd se apresentam com Dirty Honey e Jayler no Qualistage neste domingo

lançado em 2025, consolidou o Jayler como promessa do rock contemporâneo. Convites para festivais e turnês internacionais confirmam que a banda está no caminho certo para se tornar um nome relevante num futuro próximo.

feito histórico: foi a primeira canção completamente independente, sem contrato com gravadora, a alcançar essa posição. A faixa tornou-se tema oficial do WWE Extreme Rules 2019.

Desde então, o Dirty Honey tem acompanhado turnês internacionais e dividido palcos com

nomes como Guns N’ Roses, KISS e Black Crowes. Com dois álbuns lançados e presença de palco magnética, a banda prova que o hard rock clássico continua relevante.

O Jayler representa a continuidade dessa tradição. Formado em 2022 no Reino Unido, o quarteto nasceu quando James Bartholomew e Tyler Arrowsmith se encontraram em um open mic e transformaram o projeto em banda de rock autoral. Com Ed Evans na bateria e Ricky Hodgkiss no baixo, o grupo gravou o EP “A Piece in Our Time” em 2023, que revelou riffs marcantes e aquela energia setentista.

O single “Riverboat Queen”,

SERVIÇO

LYNYRD SKYNYRD + DIRTY HONEY + JAYLER

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 — Barra da Tijuca) 5/4, às 21h30

Ingressos a partir de R\$ 220

Os sons de Gil, por Mauro Senise

Saxofonista apresenta suas releituras instrumentais da obra do mestre baiano

O saxofonista e flautista Mauro Senise apresenta “A música de Gilberto Gil” neste sábado (4), no Acao Cultural, em trio com o pianista Adriano Souza e o acordeonista Kiko Horta. O show traz uma leitura instrumental de clássicos do compositor baiano, repertório baseado no disco “Amor até o fim — Mauro Senise toca Gilberto Gil” (2016).

Com 54 anos de carreira, Senise tocou oito anos com Egberto Gis-

monti e sete com Hermeto Pascoal, além de colaborações com Luiz Eça, Wagner Tiso e Edu Lobo. Desde 1985, mantém carreira solo na música instrumental com 25 discos e 13 em duo com o arranjador Gilson Peranzetta. Indicado ao Latin Grammy quatro vezes (2004, 2006, 2024), venceu o prêmio em 2017. É fundador do grupo Cama de Gato e se apresenta regularmente em festivais internacionais como Malta Jazz

Festival, Jazz at Juan (França) e Jazz at Lincoln Center (EUA).

O repertório inclui “Mancada”, “Expresso 2222”, “Flora”, “Drão” e “Refazenda”, entre outras composições de Gil. A formação em trio promete explorar melodia, harmonia e ritmo — elementos centrais na música do mestre baiano. (A.N.)

SERVIÇO

MAURO SENISE - A MÚSICA DE GILBERTO GIL

Acao Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16, Botafogo) | 4/4, às 20h | Entre R\$ 55 e R\$ 120



Mauro Senise: repertório baseado em álbum de 2016

Nana Moraes/Divulgação

Um artista que Demarca novos territórios criativos

Cantor e compositor carioca apresenta seu segundo trabalho solo, em parceria com o letrista Roberto Didio, nesta quinta no Rival Petrobras

AFFONSO NUNES

Fred Demarca chega ao Teatro Rival nesta quinta-feira (2), às 19h30, para apresentar “A Cabeça”, seu segundo álbum solo. O disco nasceu de uma parceria inesperada com o letrista Roberto Didio e traz dez faixas que perpassam o cancionário brasileiro em diferentes formatos. Ilessi e Diogo Mirandela fazem participações especiais.

A história da colaboração entre Demarca e Didio começa quando o cantor procura o letrista com uma proposta de parceria. “Quando tive a ousadia de procurar o Didio e propor uma parceria, não fazia ideia de que estava começando uma das mais importantes da minha trajetória”,

relembra Demarca. Em vez de enviar uma melodia, o compositor mandou dez de uma vez, sem expectativa de que viraria um álbum. Didio respondeu rapidamente, entusiasmado: “aqui tem uma história, hein”. A partir daí, segundo Demarca, foi um processo contínuo de criação, com vida e sonho transformados em letra.

A cumplicidade entre os dois se aprofundou durante todo o processo de composição. Didio descreve Demarca como um “operário em construções diversas”, artista versátil que enfrenta contradições sem covardia. “O cantar de Fred tem condão sensível, potente. Praça contemporânea, arborizada de fundamento. Confeitaria francesa e doce de subúrbio. Porcelana e aspereza. Dialética. Rua”, comenta o letrista sobre a voz do compositor.



Fred Demarca apresenta em palcos cariocas as dez canções de seu novo trabalho, ‘A Cabeça’

Elisa Mendes/Divulgação



Divulgação

No palco do Rival Petrobras, a direção musical fica a cargo de Demarca, Didio e do violonista João Camarero. A banda que acompanha o show inclui Camarero, Marcus Thadeu e Paulino Dias (percussão). “Fazer esse show no coração do Rio, depois de tanto tempo, tem um gosto de celebração. Trazer o João Camarero de São Paulo, reunir a banda e ter Ilessi e Diogo Mirandela no palco cria um acontecimento que não se repete todo dia”, entusiasma-se.

SERVIÇO

FRED DEMARCA - A CABEÇA

Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim, 33, Cinelândia)

2/4, às 19h30

Ingressos entre R\$ 60 a R\$ 170

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

O funk pop de Sam Greenfield chega ao Rio

O saxofonista nova-iorquino Sam Greenfield se apresenta no Blue Note Rio nesta quinta (2), às 20h, em única sessão. Nascido em Filadélfia e baseado no Brooklyn, o multi-instrumentista construiu carreira sólida tocando com artistas como Cory Wong, Joss Stone, Ed Sheeran e John Legend. Seus álbuns recentes misturam sofisticação jazzística com energia funk-pop, consolidando sua reputação como virtuoso.



Divulgação

Uma canadense em sintonia fina com a MPB

A cantora e pedagoga canadense Dominique Primeau se apresenta nesta quinta (2), às 19h, no Centro da Música Artur da Távola. Reconhecida por sua versatilidade entre jazz e música popular, Primeau mergulha no cancionário brasileiro com destaque para obras de Tom Jobim e Chico Buarque, além de canções autorais. Professora na Universidade Laval, a artista cultiva relação profunda com a MPB.



Divulgação

O Cybersamba de Jean Charnaux e Yumi Park

Jean Charnaux e a cantora Yumi Park apresentam o show Cybersamba no Dolores Club nesta quinta (2), às 20h30. O violonista e compositor, reconhecido pela técnica impecável e parcerias com ícones da MPB, encontra a intérprete sofisticada que transita por jazz, bossa nova e samba jazz. O repertório une composições autorais de Charnaux com releituras de mestres como Guinga e Gilberto Gil.



Divulgação

Cauê Nardi mostra suas autoridades

O compositor e intérprete Cauê Nardi apresenta seu show autoral Entre Águas no palco da Audio Rebel nesta quinta-feira (2), às 20h. Após seis anos vivendo em Portugal, o artista marca a data para celebrar um ano de retorno ao Brasil e dois meses do lançamento de seu primeiro EP solo. O repertório aborda temas de travessia, recomeço e pertencimento, refletindo sua experiência transatlântica.



Divulgação

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

CINEMA

OPEN AIR BRASIL

*Evento cinéfilo com a maior tela de projeção do mundo exibe nesta quinta (2) "A Noite" (20h). Na sexta (3) tem "Zootopia 2" (18h) e "Marty Supreme" (21h30). No sábado (4), "DPA 4 - O Fantástico Reino de Ondion" (18h) e "O Morro dos Ventos Uivantes" (22h30). No domingo (5), "Wicked - Parte 2" (18h). Até 11/4, Jockey Club Brasileiro (Praça Santos Dumont, 31). Ingressos: Sympla

SHOW

ZZINIZZ

*O rapper apresenta músicas do primeiro álbum "Patrão". Qui (2), às 22h. Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº). Ingressos esgotados

SUÊ - TRIBUTO A ADELE

*Com voz potente e presença marcante, a artista recria a intensidade e a emoção dos grandes sucessos da cantora britânica. Sex (3), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60



Marty Supreme

PIANORQUESTRA

*O quinteto que divide um único piano num experimento de sonoridades apresenta "Azul", espetáculo que tem a Amazônia Azul como território sonoro: música que nasce das águas, das histórias e das culturas que vivem em torno dela. Sáb (4), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

DANILO FIANI

*Acompanhado da tecladista Rachel Alhadeff, o cantor interpreta as canções de Cat Stevens, o pop star britânico que abandonou a carreira no auge do sucesso para se converter ao islamismo. Dom (5), às 21h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 35 - Copacabana). R\$ 70

MAIS DO MESMO

*A banda celebra a obra de Renato Russo e da Legião Urbana nos 30 anos sem o poeta. Sex (3), às 19h30. Teatro Rival Petrobres (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). Entre R\$ 50 e R\$ 170

DANIEL CRUZ

*O cantor apresenta o show "A Cor do Som", em que presenteia o público com grandes canções da música brasileira. Sáb (4), às 19h30. Teatro Rival Petrobres (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). Entre R\$ 50 e R\$ 170



Duvido

TEATRO

DESFAZENDA - ME ENTERREM FORA DESSE LUGAR

*Montagem questiona o que mudou após o fim da escravidão. Até 22/4, qui a sáb (19h) e dom (18h). Sesc Tijuca (R. Conde de Bonfim, 770). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e grátis (PCG)

OS IRMÃOS TIMÓTHEO DA COSTA

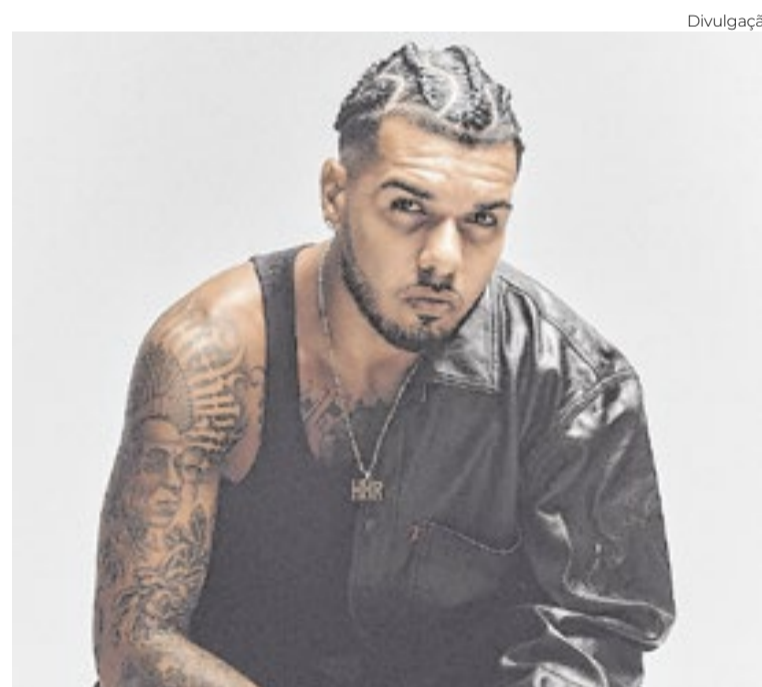
*A trajetória de modernistas esquecidos na Semana de 22. Até 19/4, qui, sex, sáb e seg (19h) | dom (18h). CCBB (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

DUVIDO

*Uma atriz espera Hamlet, que está atrasado. Enquanto ele não chega, o palco se transforma. Até 12/4, sex e sáb (20h) | dom (19h). Teatro Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

A.M.I.G.A.S

*A amizade de três jovens, sua cumplicidade e parceria cria a Associação das Mulheres Interessadas em Gargalhadas, Amor e Sexo (A.M.I.G.A.S.). Até 28/4, seg e ter (20h). Teatro Vanucci (Rua Marques São Vicente, 52, 3º piso). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



ZZDinizz

EU SOU MINHA PRÓPRIA MULHER

*Edwin Luisi dá vida a Charlotte von Mahlsdorf, mulher trans alemã que sobreviveu ao nazismo. Até 26/4, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

FERA

*Reflexão sobre a vulnerabilidade humana diante da natureza a partir de um episódio real vivido pela filósofa Val Plumwood. Até 22/4, ter e qua (20h). Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 — Botafogo). Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

O HOMEM DECOMPOSTO

*Texto do dramaturgo franco-romeno Matéi Visniec questiona a incomunicabilidade humana em tempos de isolamento. Até 29/4, ter e qua (20h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 — Botafogo). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

TIM MAIA, VALE TUDO

*Musical retorna ao Rio com montagem renovada no anos em que se completam 28 anos da morte do rei do soul. Até 12/4, sex (20h), sáb (16h e 20h) e dom (19h). Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 A, Leblon). A partir de R\$ 75

Divulgação

Divulgação

Carolina Calcavecchia/Divulgação

No fio da navalha

Quase um ano e meio depois de ser premiado em Gramado, adaptação de 'Barba Ensopada de Sangue' com Gabriel Leone, filmada por Aly Muritiba para a RT Features, ganha circuito

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Envolto com o algo de podre que existe no reino na Dinamarca, na temporada paulistana de "Hamlet, Sonhos Que Virão", Gabriel Leone voltará a mobilizar cinemas, nesta Semana Santa, pouco depois de seu sucesso perseguindo Wagner Moura em "O Agente Secreto" (hoje na Netflix). Agora é a vez de prosseguir com a literatura de Daniel Galera. É dela que saiu "Barba Ensopada de Sangue", um festejado romance que o diretor Aly Muritiba transformou em filme... um filme homônimo, daqueles que ficam.

Estreia nesta quinta com fôlego para impactar olhares. Sua primeira exibição ocorreu no Festival de Gramado em 2024, de onde saiu com o Kikito de Melhor Montagem e, na sequência, ficou à espreita por tela, encontrando vaga em circuito só agora. Acabou por virar um presente de Páscoa, com sua narrativa sinuosa, que segundo seu protagonista, fala sobre o Tempo. "Tem umas descrições do Daniel, em que o personagem torce a barba e você vê o sangue pingando, que gera imagens fortes e poéticas", diz Leone, que viu o projeto nascer enquanto trabalhava, no exterior, com o cultuado Michael Mann, em "Ferrari" (2023), antes de ganhar o planeta, via Netflix, na série "Senna" (2024).

Foi a RT Features, de Rodrigo Teixeira, responsável por "Me Chame Pelo Seu Nome" (2017) e por "Ad Astra" (2019), que produziu "Barba Ensopada De



O2 Play



Cleiton Thiele/Festival de Gramado

Gabriel Leone assume o papel central na versão audiovisual de 'Barba Ensopada de Sangue'

O escritor Daniel Galera e o diretor Aly Muritiba em Gramado, em 2024

“Foram anos que o Aly passou gestando esse filme, mexendo nesse roteiro, encontrando o ponto certo da adaptação” **GABRIEL LEONE**

Sangue”. Ao mesmo tempo em que iniciava a carreira que levou “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, ao Oscar, o produtor embalou o nascimento do longa de Muritiba.

“O lançamento desse filme representa a conclusão de um trabalho com o Daniel Galera, de quem estive perto desde o início. Não foi um livro de encomenda, mas a gente pagou para ter os direitos de adaptação dele antes da publicação”, conta Teixeira. “Esse longa foi produzido num momento difícil da minha jornada e vê-lo nas telas, agora, é uma satisfação, sobretudo pela admiração que tenho pelo Aly e pelo Gabriel”.

Teixeira integrou o júri de Gramado quando o cineasta venceu o troféu de melhor filme, em 2018, com “Ferrugem”. Ali nasceu uma conexão e uma série de conversas que habilitaram o diretor a assumir o comando de “Barba Ensopada De Sangue”. Muritiba trabalhou o roteiro da transposição do livro de Galera para o cinema com Jessica Candal. O realizador destacou-se em curtas (“Pátio”) e no documentário (“A Gente”) antes de se lançar por uma rota ultrarromântica na ficção, com “Para Minha Amada Morta” (2015). É da sua verve autoral seguir personagens que se deslocam (das ditas normatizações do mundo) em nome de um

querer desmedido, sobretudo por corpos ou almas ausentes.

São deslocamentos movidos seja por vingança; por pancadas da adolescência (caso do seminal “Ferrugem”); pela devoção a um eu lírico (como visto em “Jesus Kid”); ou por uma idealização passional, assunto de “Deserto Particular”, que levou o realizador ao Festival de Veneza, em 2021. Muitos desses vértices lapidam a geometria afetiva de Gabriel, instrutor de natação encarnado por Leone como um samurai contemporâneo: taciturno, impávido e marcado por um código de honra particular.

“Foram anos que o Aly passou gestando esse filme, mexen-

do nesse roteiro, encontrando o ponto certo da adaptação. E aí, na minha entrada, já mais um pouco próximo de filmar, eu trouxe um pouco de apego ao livro, não no sentido da história, dos detalhes, mas, sim, na questão emocional, sentimental”, diz Gabriel.

A figura vivida por ele é incapaz de perdoar o irmão por um delito de outrora, mas daria a sua vida por ele. Engole erros, mas não os perdoa. A maneira como o ator decanta as tensões internas dessa figura alquebrada é notável. De início, vemos Gabriel, o personagem, ao mar, a nadar entre baleias, animais que vão e voltam nas cenas (e nas conversas) de “Barba Ensopada de Sangue”, em referência à atividade pesqueira (hoje proibida) de Armação, que sustentou parte da sua população até os anos 1970. Aparece uma ossada na caixa d’água da casa onde ele vai morar, ao se mudar do Rio Grande do Sul para a praia catarinense. Essa aparição parece evocar um estratagema sobrenatural, mas logo se descobre ser um esqueleto de um mamífero aquático gigante.

Após a morte do pai, Gabriel parte para Armação em busca das suas origens, no caso, uma propriedade que pertencia a seu avô (há muito desaparecido e dado como morto). O tal sujeito é odiado por muitos por ali. Parece haver um repúdio a ele naquela cidadezinha descrita como um Éden, embora fotografada por Inti Briones sem a tônica paradisíaca, de cores brandas (outonais). O colorido é abafado como parece ser o modo de se viver ali, a traduzir o espírito de uma gente que vive à deriva numa aparente beleza. O avô de Gabriel, Seu Gaudério, está afogado em um mar de verdades escondidas. À sombra de um farol encoberto de névoa, os seus feitos, do passado, parecem ter confinado Armação à desgraça. A chegada do nadador vivido por Leone desperta esse mal. Portador de uma condição neurológica chamada prosopagnosia, que afeta a sua capacidade de reconhecer e lembrar de rostos familiares, Gabriel não guarda lembranças aparentes, o que dá mais periculosidade à sua jornada, uma vez que o perigo pode morar ao lado. O encontro com uma jovem guia de turismo local, Jasmin (Thainá Duarte, numa delicada composição), traz segurança para sua cruzada de ronin, dedicada a preservar o legado do ancestral. Seu ideal é remontar os resquícios do avô perdido e aplacar a sua solidão, o que será arriscado... mas rende um filmaço.



Divulgação

A História da Romênia ganha novas cores em 'Kontinental '25'

Primavera de Radu Jude vai aos EUA

Com projeto à francesa de olho em Cannes, o artesão autoral romeno lança 'Kontinental '25', que tem DNA brasileiro em solo americano, internacionalizando sua estética irônica

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Há uma estimativa de que “Diário de uma Camareira”, o novo projeto do romeno Radu Jude, vá estar no Festival de Cannes, quiçá na competição pela Palma de Ouro, de 12 a 23 de maio. A trama é uma metalinguagem. Nela, uma jovem romena que vive na França trabalha para uma família francesa e se junta a uma companhia de teatro que está disposta a adaptar “Le Journal d’Une Femme de Chambre”, debatendo Mirbeau e sua relevância. Ana Dumitrascu, Vincent Macaigne e Amélie Prevot integram esse projeto, que o cineasta toca num momento que pode ser o mais estratégico para a internacionalização de sua carreira: a estreia de “Kontinental '25” nos EUA, neste fim de semana. Ele é uma peça essencial para a relevância que a Romênia vem galgando no audiovisual.

Movimento cinematográfico mais sólido – e mais longo – do século XXI até aqui, a Primavera Romena – vaga de produções de baixo



Divulgação

Na última Berlinale, Radu exibiu 'Plan Contraplan', que codirigiu com Adrian Cioflâncă

orçamento, mas de alta voltagem crítica gestada a partir de Bucareste – espalha suas flores autorais pelos Estados Unidos, com o lançamento de seu premiado “Kontinental '25”. Com DNA brasileiro em sua medula, sob a produção da mesma RT Features, de Rodrigo Teixeira, que disputou o Oscar com “Ainda Estou Aqui”, a longa estreou mundialmente na Berlinale de 2025, na briga pelo Urso de Ouro. Saiu dela com o Urso de Prata de Melhor Roteiro. Agora é a vez de o cineasta ganhar

o carinho e o aplauso do público americano, em paralelo à gestação de “Diário de uma Camareira”.

Seu prestígio começou em 2021, no auge da pandemia, graças ao Urso Dourado que ganhou na capital alemã por um filme de conexão frontal com a histeria da covid-19: “Má Sorte no Sexo ou Pornô Acidental”. Há como vê-lo na grade da plataforma digital Reserva Imovision. Parte dos procedimentos e dos temas vistos naquela fita voltam em “Kontinental '25”, empreitada cheia de ironia que ele construiu com a ajuda do produtor carioca (radicado em SP) Rodrigo Teixeira. Um dos pontos centrais



Berlinale.de

Urso de Prata de Melhor Roteiro por 'Kontinental'2', o realizador revela que sua cultura cinéfila teve início com a pirataria dada a escassez de títulos exibidos em sua Romênia natal

é um balanço do saldo comunista nas repúblicas do Velho Mundo e as tensões da Hungria e de sua Romênia natal.

“A poesia que pode existir no cinema que eu faço vem do choque entre a ficção e o documentário, numa espécie de retorno aos irmãos Lumière (os inventores da linguagem cinematográfica, inaugurada por eles em 1895). Rodei este longa com um smartphone e me pergunto o que os Lumière filmariam se tivessem um celular”, disse Jude ao Correio da Manhã na Berlinale.

Teixeira estava com ele naquele festival. “Radu é um diretor que admiro e que tem um trabalho espetacular”, disse o produtor. “O cineasta brasileiro Gustavo Vinagre,

a quem eu acabo de produzir, falou muito do Jude pra mim, no Festival de Berlim de 2024. Eu resolvi procurá-lo. Aí ele trouxe essa ideia do ‘Kontinental '25’, e isso ao mesmo tempo em que idealizava ‘Dracula’, que vem por aí”.

A trama de “Kontinental '25” se passa na região de Cluj, na Transilvânia (a pátria do vampirão de Bram Stoker). Em seu enredo, um sem-teto comete suicídio depois de ser expulso de seu abrigo no porão de uma casa. Orsolya, a oficial de justiça que executou o despejo, é impelida a fazer várias tentativas para lidar com seus sentimentos de culpa pela morte do sujeito.

“Godard dizia que assistia a partidas de futebol porque era a única transmissão audiovisual na qual ele poderia ver pessoas trabalhando por 90 minutos sem parar. Ver um jogo é ver trabalho. Gosto de mostrar pessoas ativas em suas rotinas laborais, pois elas revelam nosso dia a dia”, disse Jude ao Correio, num recente Zoom.

Respeitado por uma estética debochada, que transpõe os limites entre o que é realidade e o que encenado, o realizador explicou que “Kontinental '25” é sua experiência “mais ficcional”, no sentido clássico da expressão. “Tudo é muito imaginativo nesse filme, ainda que eu tenha partido de um caso real”, disse o diretor.

No Brasil, o filme anterior do cineasta, “Não Espere Muito Do Fim Do Mundo” (“Nu Astepta Prea Mult De La Sfârșitul Lumii”), que ganhou o Prêmio do Júri no Festival de Locarno em 2023, só estreou no streaming. Está desde abril na plataforma MUBI, que ainda lançou seus curtas “Plastic Semiotic” (2021) e “The Potemkinists” (2022).

“A maior parte do conhecimento cinematográfico que eu tenho vem da pirataria. É óbvio que desejo ver meu filme projetado, com som bom, como é o caso de uma exibição na Berlinale Palast, mas eu não tenho nada contra plataformas como a Netflix e aprecio o trabalho da MUBI. Lá, você pode ver um Godard num dia, um curta da América do Sul no outro, um clássico de Hollywood na sequência. Acho que eu tenho uma das primeiras assinaturas do www.mubi.com desde que a plataforma surgiu”, disse o realizador de “Kontinental '25”. “Não sou um purista. Sei do valor de novos suportes para a descobrirmos filmes”.

Na última Berlinale, Radu esteve lá com “Plan Contraplan”, que codirigiu com Adrian Cioflâncă. Esse ensaio recria um tempo entre 1985 e 1987 quando o jornalista americano Edward Serotta percorreu a Romênia a fotografar as duras realidades e a vida judaica naquele país, no auge do jugo comunista. A polícia secreta Securitate seguiu-o e fotografou-o clandestinamente enquanto ele tirava seus retratos. Quarenta anos depois, este filme junta os dois conjuntos de imagens numa sequência de plano-contraplano sobre o lado cômico da história... com a marca de Radu.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Houve um tempo em que não se fechava a grade da “Sessão da Tarde” da Semana Santa sem “A Virgem de Fátima” (1952), de John Brahm (1893-1982), com Susan Whitney como irmã Lúcia. O que se vê hoje em dia é um registro bem diferente: nesta quinta, o vespertino da Globo vai de cinema brasileiro, com “Não Vamos Pagar Nada”, de João Fonseca, e, na Sexta-feira da Paixão, a atração será “Nosso Amigo Do Espaço” (“Jules”, 2023), com Ben Kingsley. No circuito exibidor, a celebração do feriadão, que contempla a crucificação do Cristo e sua ascensão, fica por conta da estreia de “A Última Ceia” (“The Last Supper”), de Mauro Borrelli, com Jamie Ward no papel de Jesus.

Uma divina intervenção cinéfila, contudo, há de mudar o rumo da ida às salas de projeção neste fim de semana, com o regresso às telas de um fenômeno popular derivado ao Evangelho, agora em versão restaurada em 4k: “Ben-Hur” (1959). O Cinemark Downtown, o Kinoplex Fashion Mall, o UCI New York City Center e o Kinoplex Boulevard vão acolher exhibições do longa-metragem que transformou Charlton Heston (1923-2008) num titã. Suas 3h32 de esplendor épico estarão na íntegra.

Em 2013, o Cine Joia fez uma exibição seguida de debate dessa produção de US\$ 15,2 milhões (valores de 1959, algo em torno de US\$ 160 milhões em valores de hoje). Depois disso, sua circulação limitou-se a exhibições da cópia digital antiga, sem a reformulação de cor que se vê agora, valorizando a dimensão épica das tomadas dirigidas por William Wyler (1902-1981), que cobrou US\$ 350 mil mais uma taxa de 3% do lucro líquido de sua bilheteria, hoje estimada em US\$ 146,9 milhões.

O romance “Ben-Hur: A Tale of the Christ” (1880), escrito pelo militar Lew Wallace (1827-1905) foi a base do projeto, que virou roteiro pelas mãos de Karl Tunberg (1907-1992), embora com contribuições de Maxwell Anderson, S. N. Behrman, Christopher Fry e do escritor Gore Vidal (1925-2012). O romancista trouxe a tão comentada aura homoerótica que ronda o personagem do vilão Messala, vivido por Stephen Boyd (1931-1977), apesar de Heston ter refutado essa hipótese queer. A prosa de Wallace foi filmada antes, em 1907, e em 1925, numa produção que teve Wyler como assistente. Uma outra adaptação – vergonhosa – saiu em 2016, com Rodrigo Santoro numa pequena participação, como Jesus.

Até “Titanic” (1997) estrear, o “Ben-Hur” de Wyler permaneceu



Metro Goldwyn Mayer (MGM)

A corrida de bigas que transformou ‘Ben-Hur’ num fenômeno mundial

Nas bigas do Senhor

Ganhador de 11 Oscars, o fenômeno pop ‘Ben-Hur’, com Charlton Heston, retorna às telas em versão restaurada, com todo o seu esplendor no diálogo com o Evangelho de Jesus



Stephen Boyd (Messala) e Charlton Heston (Judah Ben-Hur) são amigos de infância que se tornam rivais mortais por uma questão de fé de Ben-Hur em Jesus (abaixo)



Imagem do grandioso set de filmagens da produção de US\$ 15 milhões na época (aproximadamente US\$ 160 milhões nos dias de hoje)



ceu 38 anos com o recorde de ter conquistado 11 Oscars. Venceu as estatuetas de Melhor Filme; Direção; Ator (Heston); Ator Coadjuvante (Hugh Griffith); Fotografia

(Robert Surtees); Direção de Arte (William A. Horning, Edward C. Carfagno e Hugh Hunt); Figurino (Elizabeth Haffenden); Som (Franklin Milton); Monta-

gem (Ralph E. Winters e John D. Dunning); Efeitos Especiais (A. Arnold Gillespie, R.A. MacDonald e Milo B. Lory); e Trilha Sonora (Miklós Rózsa).

Ambientado em Jerusalém, no início do século I, o filme acompanha a jornada do calvário à redenção do príncipe Judah Ben-Hur (Heston), um rico mercador judeu, cuja vida de harmonia e luxo muda após o reencontro com Messala (Boyd). Esse amigo de infância virou um feroz comandante nas legiões romanas. Messala quer do antigo camarada um favor: a delação de rebeldes israelitas. O aristocrata hebreu, fiel à sua crença em Deus, recusa-se ajudar e cai desgraça.

Em meio a um acidente com uma telha, que cai na direção das tropas de Roma, Ben-Hur é acusado de traição e escravizado, encaminhado para galés de navio, onde deve remar até morrer. Sua mãe e sua irmã são presas, confinadas em um leprosário. Após salvar um importante estadista, ele tem a chance de refazer sua rota, mas se abraça à vingança, disposto a destruir Messala.

As filmagens começaram em maio de 1958 e terminaram em janeiro do ano seguinte, com uma árdua pós-produção que se estendeu por seis meses. O orçamento inicial era de US\$ 7 milhões, mas cresceu para US\$ 10 milhões em fevereiro de 1958, alcançando uma quantia de cerca de US\$ 16 milhões no início das filmagens. Foi o filme mais caro já produzido até então. Cerca de 200 camelos, 2,5 mil cavalos e dez mil figurantes foram usados nos sets, concentrados parte na Itália, parte no México. Uma batalha marítima central para a trama foi realizada com miniaturas em um grande tanque de água nos estúdios da MGM, em Culver City.

Uma mudança notável no filme envolveu seus créditos iniciais. Wyler estava preocupado que o tradicional rugido de Leo, o Leão (mascote da MGM) criaria o clima errado para a sensível e sagrada cena de abertura do nascimento de Jesus. Acabou conseguindo uma permissão especial dos executivos do estúdio para iniciar o filme com um logo em que Leo permanece quieto. Antes de Heston aceitar o protagonismo, Paul Newman chegou a ser cotado para ser o herói de Lew Wallace, mas refutou a proposta.

Kirk Douglas (1916-2020) foi chamado para ser Messala, mas não aceitou ser o “homem mau” da história. Negociou para viver Ben-Hur, mas não tinha mais a idade necessária. Boyd ficou com a personagem, mesmo sendo obrigado a usar saltos para ficar de uma altura similar ao tamanho de Heston, que media 1,89 de altura. Vale lembrar que há um Cristo no longa de Wyler. Seu intérprete foi o cantor lírico Claude Heater (1927-2020).

Em 2002, quando o documentarista Michael Moore ironizou a sanha conservadora de Heston, em seu apoio ao porte de armas, o prestígio do astro caiu. “Ben-Hur”, contudo, segue adorado.

CRÍTICA FILME | SUPER MARIO GALAXY: O FILME

POR RODRIGO FONSECA



Divulgação

Luigi (numa dublagem supimpa de Manolo Rey) vira sapo para ajudar o dino Yoshi e seu irmão Mario (na voz de Raphael Rossatto)

Um fliperama VIVO

Foi “Tron” (1982) que transformou a narrativa cinematográfica num Atari em tela grande, pela primeira vez (... com êxito) na História, comprovando que a estética pautada por jogabilidade dos videogames poderia ser emulada pelo storytelling audiovisual, criando algo visualmente novo para uma mídia pautada pelo registro, em movimento, do real. Desde então, consoles da Sega e da Nintendo, entre outras desenvolvedoras de joguinhos, evoluíram a maneira de se divertir com um joystick, indo de gráficos poligonais a um nível geométrico de realismo que parece

uma simulação da vida. A fantasia, contudo, não se perdeu.

Ela inspirou (e preservou) o mundo florido do ouriço Sonic, a geografia retangular de “Minecraft” e o universo de fungos mágicos dos bombeiros hidráulicos Mario e Luigi. A partir desta Semana Santa, eles podem dar ao circuito exibidor seu primeiro bilhão de 2026. Nestes tempos onde a frequência às salas de projeção seguem patinando, no refluxo da pandemia e na forte concorrência com streamings, “Super Mario Galaxy: O Filme” é a maior diversão, sem game over, refinando um padrão visual de ani-

mação que dialoga com os jogos eletrônicos, os de hoje e o do passado, calçada num herói impecável. Mario é uma mistura de Mickey com Sergio Mallandro.

Coube à Illumination cuidar dele. Fundado por Christopher Meledandri, em 2007, esse estúdio, antes consagrado com “Meu Malvado Favorito” (2010-2024) e seus Minions, firmou sinergia com a Nintendo, ao importar seu personagem mais popular.

Ele volta com mais refinamento plástico e dramático. O longa-metragem anterior da grife “Mario Bros.”, de 2023, rendeu US\$

1,3 bilhão apoiado na habilidade dos diretores Aaron Horvath e Michael Jelenic (de “Os Jovens Titãs Em Ação!”) em fundir adrenalina e piada. Eles regressam ao posto em “Galaxy”, expandindo a fauna de tipos que cruzam com os protagonistas, com direito ao o piloto Fox McCloud (interpretado pelo galã Glen Powell). A raposa estelar é coadjuvante de luxo na volta de Mario e Luigi - criados há 40 anos pelos designers Shigeru Miyamoto e Gunpei Yokoi.

Encarnados por Chris Pratt e Charlie Day nos EUA (com dublagem supimpa de Raphael Ros-

satto e Manolo Rey aqui), Mario e Luigi visitam uma vez o Reino dos Cogumelos, de onde a Princesa Peach (dublada pela brilhante Carina Eiras) zarpa atrás de uma possível parente perdida, a Princesa Rosalinda. Uma tartaruga falante das trevas, Júnior (vivido pelo cineasta Benny Safdie) raptou essa aristocrata galáctica a fim de sugar seu poder. A ideia desse quelônio, mau feito pica-pau, é usar as forças de Rosalinda para salvar seu pai, o vilão Bowser (papel em que Jack Black se refestela).

O trabalho de Mario é ajudar Peach, por quem nutre um amor que as patrulhas moralistas da contemporaneidade não foram capazes de podar. A montagem nervosa de Eric Osmond torna essa jornada intergaláctica um fliperama vivo, esbanjando tensão.

CRÍTICA FILME | A MULHER MAIS RICA DO MUNDO

POR RODRIGO FONSECA

Cada país tem a Odete Roitman que merece

Embora Beatriz Segall (1926-2018) tenha feito de Odete Roitman o sintagma de tudo o que a aristocracia tem de pior, numa consolidação de persona preservada por Débora Bloch na “Vale Tudo” dos anos 2020, a personagem virou um dos tesouros dramáticos da cultura brasileira, num signo das contradições da riqueza. Um cheiro desse descompasso - entre acumulação (farta) de renda e caráter - perfuma “La Femme La Plus Riche Du Monde”, que nasceu durante o 78º Festival de Cannes, em maio de 2025, e chega agora ao Brasil, como

um chocolate fino para a temporada de Páscoa. Isabelle Huppert é uma Odete gourmet. Marianne Farnère, sua (deliciosa) personagem, tem ímpetos de mandar e vê o mundo sob uma ótica de controle, na qual sua carteira pode balizar qualquer conflito - #sqn. Sua ruína é o ruir de toda uma moral.

Jornalista profissional de 1991 a 2002, onde fez carreira na revista “Studio”, antes de virar um diretor habilidoso, o cineasta Thierry Klifa (do belo “Uma Vida À Tua Espera”) filma Isabelle nas raias entre o drama e a comédia, utili-



Divulgação

Isabelle Huppert e Laurent Lafitte num abraço da ambição no longa de Thierry Klifa

zando o carisma GG da diva para edificar uma alegoria sobre Poder, que se desenha sinuosamente em sua dramaturgia numa dialética que raro se vê no cinema francês atual, mas que, outrora, serviu de

pavimento à obra de mestres como Costa-Gavras e Claude Chabrol (parceiro profissional recorrente de Huppert). Julga-se Marianne em seus mínimos gestos, por seus devaneios onipotentes. Pouco a pouco, com habilidade, Klifa nos mostra que o juízo mais pertinente que se constrói em seu filme se refere ao entorno da privacidade

de sua personagem e não a suas escolhas e suas renúncias. É uma crônica que temos aqui... a crônica de uma decadência anunciada. Ela começa no momento que a herdeira de uma empresa de cosméticos, apelidada de “a mulher mais rica do mundo”, passa por uma sessão fotográfica com Pierre-Alain Fautin (Laurent Lafitte), um artista visual excêntrico. O comportamento nada ortodoxo do fotógrafo seduz esta mulher abastada e liberta-a da letargia do seu universo estagnado e enfadonho, levando-o a custeá-lo. Marianne não liga de bancar os excessos dele, mas sua filha, Frédérique, (Marina Fois), tenta minar a influência que Pierre-Alain exerce sobre a sua mãe, bem como as despesas imprudentes daí decorrentes.

A ciranda de vaidades que nasce daí, enquadrada numa estética realista, de cores filtradas, vai gerar um espetáculo convulsivo sobre ética... e sobre o fedor do capitalismo.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Da tragédia à festa:
como o Rio se
uniu ao Congo

NO DIA EM QUE A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA do Congo estreitar na Copa do Mundo, contra Portugal (olha que saborosa ironia do destino!) tem uma cidade que vai vibrar junto com todas as do país da África: o Rio de Janeiro.

E MAIS ESPECIFICAMENTE, TEM UM pedacinho do Rio onde o jogo começa antes do apito inicial. Fica no Centro velho, perto de onde tantos africanos foram despejados como mercadoria no Período Colonial. Num salão pequeno, desses que sobrevivem entre o barulho da cidade e o silêncio das histórias. É o salão e barbearia do Dadá. Ou melhor, de Nsuka Kaluba.

CONGOLÊS DE NASCIMENTO, CARIOCA por insistência da vida. Há mais de 20 anos no Rio, Kaluba aprendeu o essencial: ficar também é um ato de coragem. Mas essa história não começa nele. Começa muito antes.

COMEÇA NUMA TRAGÉDIA. O Rio de Janeiro foi o maior porto de desembarque de africanos escravizados do mundo. Ali, na região do Valongo, cerca de um milhão de pessoas foram arrancadas de suas terras e trazidas à força, muitas delas vindas da região do Congo e de Angola.

E HÁ UM DETALHE QUE ATRAVESSA

o tempo como um corte aberto: estima-se que, apenas nos últimos 25 anos do tráfico, entre 1817 e 1850, algo entre 200 mil e 600 mil pessoas tenham sido sequestradas da região do baixo Congo e enviadas ao Brasil. Os dados são da pesquisa "Para além do Congo – seguindo a origem linguística das origens de escravos que deixaram Angola entre 1811-1848".

A ÁFRICA PASSOU

POR AQUI EM CORRENTES. Inclusive o Congo. E ficou.

Por isso, o Rio nunca foi só paisagem. O Rio sempre foi memória viva - África reinventada em batuque, fé e sobrevivência. O que hoje chamamos de cidade nasceu também desse encontro violento. E talvez por isso o reencontro seja tão forte.

HOJE, CERCA DE 5 MIL CONGOLESES VIVEM no Rio de Janeiro. Chegaram por outros caminhos - guerras, conflitos, deslocamentos - mas carregam a mesma travessia de quem precisou partir sem garantia de volta. E aqui reinventam a vida. Alguns descobrem, com espanto, o racismo que não conheciam. Outros enfrentam o recomeço duro, o diploma que não vale, a língua que tropeça. Ainda assim, ficam. Porque o Rio tem esse mistério. Ele fere. Mas também incorpora.

EM BAIRROS DA ZONA NORTE, o Congo reaparece em festas, sabores, saberes, línguas e rituais. E no salão de Kaluba, no Centro, ele ganha forma cotidiana. Ali não se corta só cabelo e se faz a barba. Costura-se o destino. Kaluba ensinou o ofício a outros congoleses, criando uma pequena rede de futuro possível. Um saber que passa de mão em mão.

E TALVEZ SEJA POR ISSO QUE, quando a bola rolar, não seja só futebol. Vai ter memória ancestral em campo. Vai ter História. Passada e viva. Vai ter um Rio antigo, feito de dor, olhando para um Rio presente, feito de resistência. E, entre um corte e outro, alguém vai gritar gol diante do espelho. Não só pelo Congo. Mas por tudo e todos que sobreviveram até aqui.

Reprodução Facebook



Nsuka Kaluba, o Dadá, um congolês de alma carioca em seu salão



Com vista icônica do Rio, o Araá, no Morro da Urca, participa do Breakfast Weekend combina natureza, gastronomia e contemplação

Aquele breakfast caprichado para curtir o feriadão

Páscoa ganha alternativa gastronômica com festival de cafés da manhã em 19 estabelecimentos

AFFONSO NUNES

Para quem pensa que a Páscoa se resume aos tradicionais almoços de sexta e domingo que tal fazer diferente este ano? A 3ª edição do Breakfast Weekend, festival de cafés da manhã, oferece 19 estabelecimentos espalhados pela cidade com menus especiais temáticos para a data. O evento, que segue até 26 de abril, reúne hotéis, cafeterias, padarias e restaurantes com preços fixos entre R\$ 39,90 e R\$ 129,90.

A proposta acompanha uma mudança de hábito do consumidor brasileiro. Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC, 2022), 37% dos consumidores já consomem café da manhã fora de casa diariamente, em cafeterias, padarias e hotéis. O festival transforma essa refeição em momento de lazer e descoberta gastronômica.

Entre os participantes, hotéis como MGallery Santa Teresa, Novotel Praia de Botafogo e Riale

Brisa Barra Hotel prepararam cardápios especiais para o domingo de Páscoa. O MGallery oferecerá cascata de chocolate com frutas, brigadeiro, cupcake e biscoitos recheados. O Novotel inclui colomba pascal, chocolates e éclair de chocolate. O Riale aposta em sobremesas, tortas e pudins com chocolate. Já o Mocha oferecerá atividades para crianças e chocolate quente nos combos.

No Parque Bondinho, três estabelecimentos (Araá, Embaixada Carioca e Clássico Beach Club Sunset) promovem recreação especial com o coelhinho da Páscoa e jornada interativa com desafios e brincadeiras de quinta a domingo (2 a 5), das 10h às 17h.

O festival segue o tema "Sabores do Mundo", convidando os estabelecimentos a explorarem influências internacionais. A diversidade inclui cafés com vista para a cidade e ambientes diferenciados, unindo gastronomia e turismo. Alguns estabelecimentos operam com reserva antecipada pelo sistema DGuests.

SERVIÇO

BREAKFAST WEEKEND - RIO DE JANEIRO Breakfast Até 26/4

Participantes: Araá (Morro da Urca), Clássico Sunset (Pão de Açúcar), Crums Confeitaria e Cafeteria, Embaixada Carioca (Morro da Urca), Hotel Intercity Porto Maravilha, Ibis Rio de Janeiro Centro (Fio da Meada), Ibis Styles Rio de Janeiro Botafogo (Restaurante Sponta), JW Marriott Rio de Janeiro, Linx Galeão by Wish, MGallery Santa Teresa Hotel (Restaurante Têrèze), Mocha, Novotel RJ Praia de Botafogo (Restaurante 365), Padelli Panetteria Ipanema, Prodigy Santos Dumont (Restaurante Orla 21), Riale Brisa Barra Hotel (Peregrino), Riale Imperial Flamengo (Restaurante Monreal), Tropik Beach Club Fairmont, Vidah Gastro Lounge, Yoo2 Rio de Janeiro, Tapestry Collection by Hilton (The Rooftop)

Valores: R\$ 39,90 a R\$ 129,90 (buffet ou combo)

Reservas: Alguns estabelecimentos operam com reserva antecipada pelo sistema DGuests

vemviver + cultura

Iniciativas para aplaudir de pé e pedir bis.
 Como o maior acelerador de cultura do estado, o Sesc RJ incentiva os artistas e o público por meio de uma programação variada: são shows, espetáculos de teatro, dança e circo, exposições, exhibições de filmes, atividades literárias, cursos, oficinas e muito mais. O Sesc inspira cultura, e a cultura inspira você. **Vem viver o Sesc RJ.**



VEM SABER +



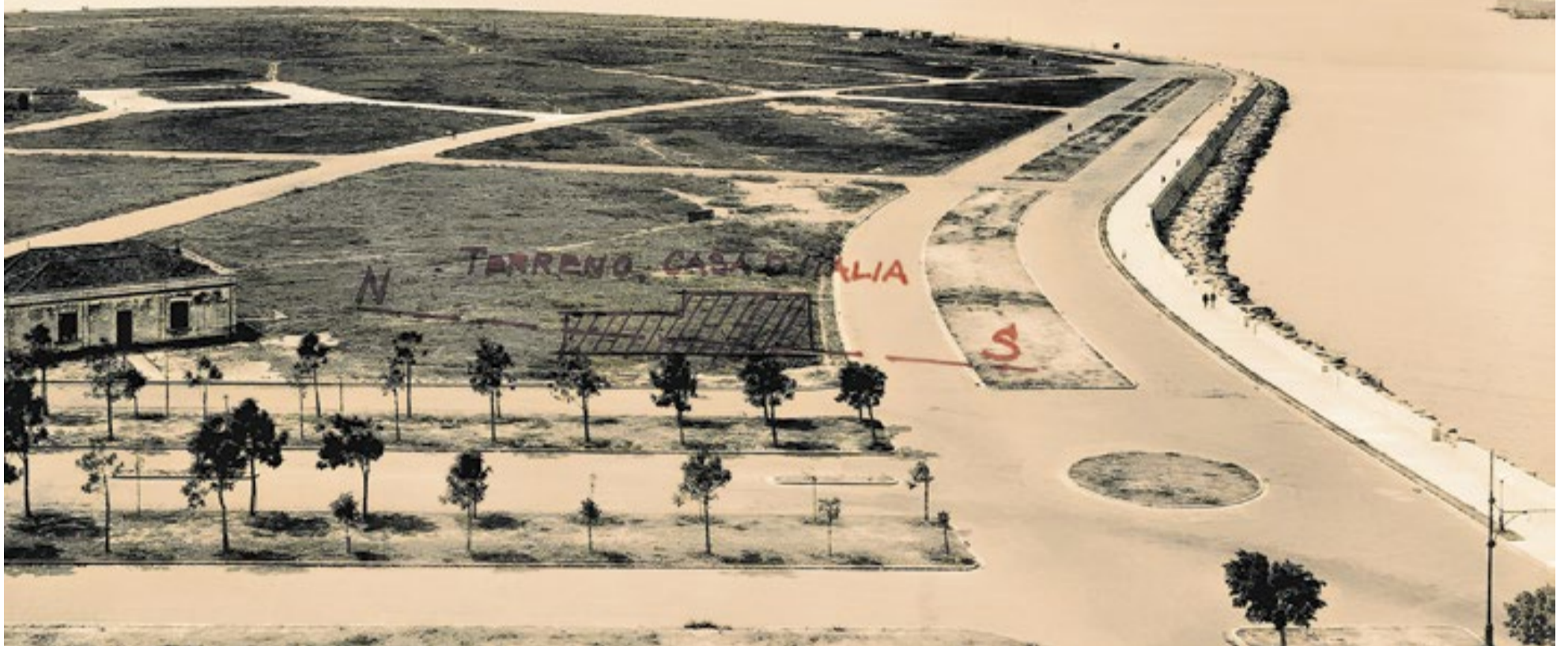
sescrj.org.br/cultura

 portalsescrj
  sescrj
  sescrj



A maior marca
de bem-estar
social do RJ

Uma casa italiana e sua história



Exposição documenta transformações da Casa d'Italia ao longo de nove décadas

AFFONSO NUNES

O Polo Cultural ItaliaNoRio acaba de inaugurar a exposição “Casa d'Italia do Rio de Janeiro: 90 anos”, que revisita nove décadas de história da instituição — desde a aquisição do terreno na esquina das avenidas Beira-Mar e Santos Dumont até os dias atuais. A mostra, com curadoria de Aristides Corrêa Dutra, registra os períodos de transformação do edifício, incluindo momentos de interrupção de suas atividades e a recente revitalização da Praça Itália.

O percurso expositivo está organizado em três núcleos que mapeiam diferentes fases da instituição. O primeiro apresenta os projetos e planejamentos iniciais para a construção da Casa d'Italia, contextualizando sua idealização e revelando o cenário político e cultural que envolveu sua criação. A segunda sala aborda um dos momentos mais significativos de sua trajetória: a apropriação do prédio pelo governo brasileiro durante um período específico e sua posterior devolução à comunidade italiana nos anos 1970, quando retomou sua função original como espaço de encontro e difusão cultural.

No terceiro núcleo, a exposição

documenta a ocupação institucional do espaço a partir da chegada do Istituto Italiano di Cultura (IIC), em 1974, seguida pela instalação do Consulado Italiano no Rio, em 1975. Essa fase marca a consolidação da Casa d'Italia como polo diplomático e cultural.

O espaço também apresenta marcos da requalificação iniciada em 2012: a adoção da Praça Itália pelo Consulado em 2015, a transferência do Instituto Europeu de Design para o segundo andar, a inauguração do Polo Cultural ItaliaNoRio há dois anos, a revitalização da praça em 2025, a criação de um espaço de coworking e a abertura recente da Cucina Enogastronômica. A exposição inclui ainda um espaço interativo que reproduz a vista da janela do Consulado, com poltrona e quadros originais, convidando o visitante a uma experiência imersiva.

A mostra propõe uma reflexão sobre memória, pertencimento e os vínculos culturais entre Brasil e Itália, evidenciando o papel da Casa d'Italia como espaço de intercâmbio ao longo das décadas. Para pesquisadores e interessados em história urbana, a mostra oferece documentação relevante sobre como instituições culturais se adaptam e se reinventam ao longo do tempo, refletindo mudanças políticas e sociais mais amplas.



Imagem do terreno onde o prédio foi construído à época de sua aquisição



Detalhe da fachada do prédio

SERVIÇO
CASA D'ITALIA DO RIO DE JANEIRO: 90 ANOS

Polo Cultural ItaliaNoRio – Casa d'Italia (Av. Pres. Antônio Carlos, 40 – Centro) Até 15/5, de segunda a sexta (8h às 17h) e sábados (10h às 17h) | Entrada franca

Imagem registra uma das fases da construção do prédio



A cozinha enogastrônômica do IIC é uma das novidades do prédio



A moda é uma das grandes expressões da cultura italiana